

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO
EDUCACIONAL

Produto do Mestrado Profissional

Patrícia Santos da Silva

Orientadora: Tatiane Negrini

SANTA MARIA, RS
2023

PRODUTO DO MESTRADO PROFISSIONAL

O produto educacional aqui apresentado, foi elaborado a partir dos dados coletados e interpretados na pesquisa da dissertação de Mestrado em Política Públicas e gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria, intitulada: “O Ensino Colaborativo como propulsor para o processo de identificação de estudantes com indicadores de AH/SD”. Este produto foi construído a partir não somente de referenciais teóricos estudados, mas das experiências trazidas pelos participantes da pesquisa, caminhos e estratégias percorridas até aqui que corroboram com a perspectiva de uma Educação Inclusiva pelo viés do EC, que possa vir a reverberar na identificação de estudantes com indicadores de AH/SD. Participaram da pesquisa nove professoras da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria, sendo elas três professoras de Educação Especial, uma professora de Educação Infantil, uma professora de anos iniciais, uma professora de anos finais e três professoras gestoras.

A pesquisa buscou identificar as experiências de EC entre professores de AEE e do ensino regular e suas inferências para o processo de identificação e atendimento de estudantes com AH/SD, e desta forma surge o problema de pesquisa “Como o EC pode reverberar em estratégias para identificação e atendimento de alunos com AH/SD?”

Este produto destina-se a todos os professores que tenham interesse em iniciar com práticas de EC em suas escolas e de forma mais específica tenham um olhar para as AH/SD. Mendes (2006) relata que apesar de existirem muitas pesquisas sobre a teoria do EC, o foco desses estudos ainda se concentrava na defesa de uso desta estratégia e não nas formas de implementá-la. Entre as poucas pesquisas que trazem a prática do EC no Brasil, os primeiros estudos publicados foram de Zanata (2004) e Capellini (2004), os quais, respectivamente, foram realizados com professores de ensino comum que tinham na turma estudantes surdos e com deficiência intelectual. E menos ainda se vê pesquisas relacionando o EC com as AH/SD.

Neste sentido as pistas trazidas a seguir são no intuito de contribuir para que o EC, enquanto prática inclusiva possa também reverberar em processos de identificação de estudantes com indicadores de AH/SD. Inicialmente já havia uma projeção para que o produto da pesquisa acontecesse no formato de formação continuada. No decorrer da pesquisa, das entrevistas e da análise dos dados essa projeção se confirmou, pois ficou clara a necessidade de formação na área tanto das AH/SD quanto do EC. Esta constatação

é trazida não somente pela pesquisadora, mas também pelos participantes entrevistados que trouxeram a questão da falta de formação e o quanto esta modifica o ambiente e as práticas, da sua importância e relevância.

A ideia inicial era organizar um espaço de formação nas áreas temáticas, sendo um encontro presencial, no entanto o período em que se encontrava a realidade educacional local acabou por mudar esta previsão. Estando devidamente autorizada pela RME, seria organizado um momento de formação, uma Roda de Conversa no dia dez de agosto, “Dia da Superdotação”, de forma presencial envolvendo as temáticas das AH/SD e EC. No entanto, em meio a organização do encontro se deu o estado de greve no município em virtude das reivindicações da categoria pelo piso salarial, e que após assembleia ficou acordado que uma das estratégias adotadas pela categoria seria a não participação em atividades promovidas pela RME. A Roda de Conversa foi organizada em parceria com a Coordenação da Educação Especial do Município, a qual faço parte.

Neste sentido, respeitando o movimento dos colegas professores da rede municipal, a imprevisibilidade de quando se encerraria o movimento e tendo em vista que não atingiríamos o público esperado neste momento, o encontro passou a ser pensado de forma online. Nesta mesma semana do dia dez de agosto estaria ocorrendo outro evento no município, “A Semana Municipal da Educação Infantil”, instituída pela Lei Municipal nº 5.798, de 2013 e a abertura desta semana seria no dia dez também. Desta forma, tendo em vista o momento vivido, optou-se em unir as duas propostas, a Roda de Conversa organizada para acontecer no dia da superdotação e na abertura da Semana Municipal de Educação Infantil, de forma online.

Sendo assim, reuniram-se as duas coordenações, da Educação Especial e da Educação Infantil para organização da Roda de Conversa, desta forma organizou-se da seguinte maneira: A Roda de conversa foi composta por cinco momentos e para isso duas escolas foram convidadas a trazerem suas experiências de iniciativas com práticas de EC e com processos de identificação de crianças com indicadores de AH/SD.

Um link de acesso da transmissão via *Youtube* foi criado e enviado por e-mail da Secretaria de Educação para todas as escolas da rede municipal (<https://www.youtube.com/watch?v=9Y8IUVKLuWo>), pois o convite se estendeu a todos os professores. O horário da roda de conversa aconteceu das 18h30min às 20h30min no dia dez de agosto de 2023.

Temática da noite 10/08: "Altas habilidades/Superdotação e Ensino Colaborativo: práticas na Educação Infantil"



Temática da noite 10/08
"Altas Habilidades/
Superdotação
e Ensino
Colaborativo:
práticas na
Educação
Infantil"

Promoção:  Apoio: 

Link para inscrição: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfVCnb8HyP9ORa1ks2P94_qC4U4AKrvelZeCd5o0cPYiH2MOA/viewform
Para a emissão do certificado, é necessário realizar inscrição!

(Recorte do e-mail enviado)

Na roda de conversa, cada escola compartilhou suas experiências e trajetórias. Reconhecemos que esses processos são desafiadores, retirando os professores de suas zonas de conforto, exigindo que busquem conhecimento para implementar suas intenções. O relato da escola sobre práticas colaborativas revelou iniciativas nessa jornada, destacando o investimento em estratégias que promovem o planejamento conjunto, a troca de ideias e a formação contínua.

A professora que compartilhou suas primeiras experiências com processos de identificação trouxe à tona seus anseios, destacou as parcerias estabelecidas para sanar dúvidas e expandir seus conhecimentos sobre a temática das AH/SD. Além disso, discutiu as observações que a levaram à percepção dos indicadores na criança submetida ao processo de identificação. Em resumo, essas foram contribuições significativas, poderosas e inspiradoras que deixaram rastros de uma jornada contínua em busca da inclusão de todos os estudantes.

Os momentos organizados para a Roda de Conversa foram:

Primeiramente realizou-se uma apresentação da pesquisa intitulada 'O Ensino Colaborativo como propulsor no processo de identificação de estudantes com indicadores de AH/SD', conduzida pela pesquisadora mestranda, marcando o início da roda de conversa sobre as temáticas que seriam abordadas posteriormente pelas demais colegas. A apresentação contemplou, de maneira geral, os objetivos, a metodologia, a relevância do tema e os resultados parciais da pesquisa. A pesquisa propõe a discussão do EC e das AH/SD, explorando as interseções entre essas duas temáticas. Observou-se, ainda que com resultados parciais, que cada professor se sente mais confiante em uma ou outra área,

o que é totalmente compreensível, considerando a trajetória docente e a organização escolar de cada um, prevalecendo ainda o desconhecimento da área das AH/SD. Foi possível observar que a gestão das três escolas envolvidas primam pelas práticas colaborativas entre os professores procurando, dentro do possível, viabilizar estes momentos.



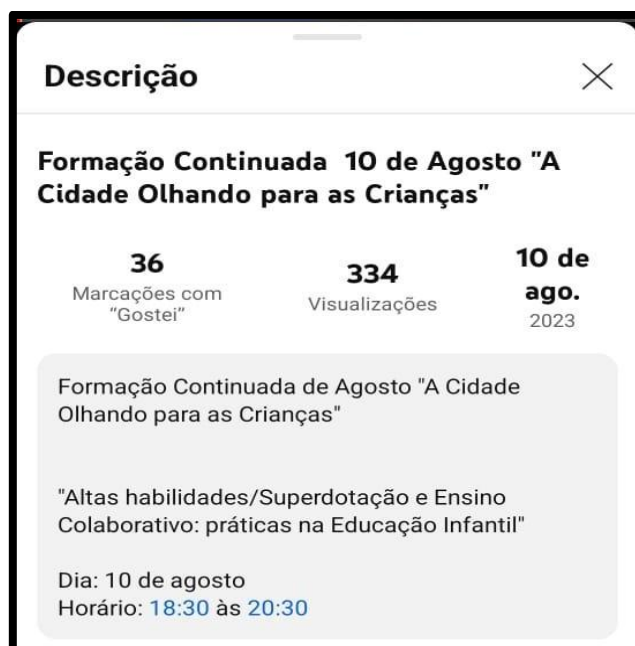
(Imagem retirada do link de transmissão do *Youtube*)
<https://www.youtube.com/watch?v=9Y8IUVKLuWo>

Em seguida, ocorreu o relato de uma professora de Educação Especial sobre sua primeira experiência no processo de identificação realizado por ela com uma criança da Educação Infantil em uma escola da Rede Municipal de SM, onde trabalha. Inicialmente, ela expressa que se sentiu insegura e procurou a coordenação da Educação Especial/SMEd em busca de orientações, sugestões de leitura e materiais a serem utilizados nesse processo. Após a aplicação na escola, retornou para análise dos resultados. A partir dessa experiência, passou a realizar a identificação de outras crianças que apresentavam indicadores, tanto na escola em que atuava como em outra unidade da rede.

O trabalho dessa professora alinha-se ao que Vieira (2005) destaca como de suma importância, referindo-se à identificação precoce das AH/SD, que facilita a intervenção no nível da prevenção. Isso ocorre porque fornecer informações e orientações adequadas aos pais e professores interfere positivamente no processo educacional dessas crianças. Dessa forma, a identificação precoce possibilita que pais e professores reconheçam e respeitem o ritmo, a intensidade e a singularidade com que seu filho/aluno conhece, cria, percebe e sente o mundo ao seu redor (VIEIRA, 2005).

O próximo passo consistiu no relato de três professoras: uma professora de Educação Especial, uma professora de Educação Infantil e uma gestora de uma escola da rede municipal de SM, sobre as experiências de Educação Colaborativa (EC) que estão sendo desenvolvidas na escola. Elas compartilharam como se organizam, suas percepções, as dificuldades e os desafios encontrados. Neste momento, destacaram essa prática como um facilitador da inclusão de forma geral, tanto para todas as crianças quanto para os professores.

Ao final, ocorreu uma mediação de perguntas e discussões, conduzida pelas duas professoras/Coordenadoras da Educação Especial/SMEd, os colegas através do chat agradeceram o momento de compartilhamento de experiências e práticas que vem auxiliar no atendimento das necessidades dos nossos estudantes e por este olhar para os educadores pensando em sua formação e qualificação . Nos relatos apresentados, foi evidente que as escolas já percorreram uma caminhada, encontrando um ponto de partida na busca e no anseio por uma Educação inclusiva. Esta pesquisa, por sua vez, busca unir esses dois pontos, trazendo para a discussão a viabilidade do EC ser um impulsionador também no processo de identificação das AH/SD. Isso se daria na medida em que os professores adquirirem maior formação nessas áreas, destacando a importância da capacitação para ampliar a compreensão e atuação eficaz nesse contexto.



(Imagem retirada da transmissão do *Youtube*)
<https://www.youtube.com/watch?v=9Y8IUVKLuWo>

A partir desta roda de conversa, dos resultados da pesquisa e dos autores estudados, foi organizado uma segunda parte complementar deste produto: a produção de um folheto com PISTAS (Apêndice G) para construção de práticas colaborativas. Além dos benefícios já conhecidos, o folheto propõe um olhar específico para a identificação das AH/SD. Dessa forma, o folheto de PISTAS foi organizado, incluindo:

- Dicas fornecidas pelos professores durante as entrevistas;
- Conceitos apresentados pelos autores pesquisadores nas áreas;
- Sugestões da pesquisadora, de leituras e parcerias com instituições que pesquisam na área e podem servir como referência para trocas, projetos e formação continuada. Entre essas instituições estão a Universidade Federal de Santa Maria, por meio da Graduação e Pós-graduação em Educação Especial, e projetos como o GEIM - Grupo de Enriquecimento das Inteligências Múltiplas, além da Coordenação da Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação.

Com a devida autorização da SMEd, o folheto de PISTAS foi enviado por e-mail e fisicamente para todas as escolas da Rede Municipal.



PISTAS

ENSINO COLABORATIVO:



UM OLHAR PARA AS ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO.

PATRICIA SANTOS DA SILVA
ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a TATIANE NEGRINI

PRODUTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ENSINO COLABORATIVO

ESTUDO DA TEMÁTICA: O que é Ensino Colaborativo?

- O Ensino Colaborativo é uma parceria entre o professor de ensino comum e o professor de Educação Especial, onde eles compartilham a responsabilidade do ensino. Isso envolve considerar as especificidades, ritmos e estilos de aprendizado individuais, a fim de favorecer o acesso e a aprendizagem de todos (CAPELLINI, ZERBATO, 2019)

Etapas do Ensino Colaborativo, de acordo com Gately e Gately (2001): Estágio Inicial, Estágio de Comprometimento e Estágio Colaborativo.

- No Estágio inicial se estabelecem relações profissionais entre si, e a comunicação ainda é mais formal e frágil.
- No Estágio de Comprometimento, a comunicação torna-se mais frequente, aberta e interativa, possibilitando a elaboração de um contrato de confiança necessário para a colaboração ativa entre ambos.
- No Estágio Colaborativo, se tudo ocorrer bem, estabelece-se uma comunicação mais aberta entre os professores, que passam a trabalhar juntos de forma complementar.

Leitura: Um bom começo:



VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Ensino Colaborativo para Apoio à Inclusão Escolar: práticas colaborativas entre os professores. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, 2014

Organização: Para Pensar!



- Em que dia da semana estão presentes na escola tanto o professor de Ensino Comum quanto o de Educação Especial?
- Quais outros recursos podem ser utilizados para a comunicação entre esses dois professores?
- Qual é o tempo disponível para a realização da atividade colaborativa?
- Quais são as temáticas pertinentes neste momento para serem abordadas com a turma?

Gestão Escolar



A gestão permite superar a limitação da fragmentação e da descontextualização e construir, pela ótica abrangente e interativa, a visão e orientação de conjunto. A partir dessa visão, podem-se desenvolver ações articuladas e mais consistentes, constituindo uma ação conjunta de trabalho participativo em equipe (LÜCK, 2006)



Parcerias para Formação Continuada

- Entre os colegas da Escola e da Rede Municipal de Ensino;
- Secretaria Municipal de Educação/ Coordenação da Educação Especial;
- Universidade Federal de Santa Maria;

Altas Habilidades/
Superdotação



Ensino
Colaborativo



O ENSINO COLABORATIVO COMO PROPULSOR PARA O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DE ESTUDANTES COM INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.



ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Habilidades/Superdotação constituem um público da Educação Especial. Conforme a Política Nacional de Educação Especial, o que caracteriza um estudante com AH/SD é o potencial elevado que ele demonstra em diversas áreas "isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse" (BRASIL, 2007, p. 9).



A teoria de Renzulli (1986) define o comportamento de superdotação na confluência de três fatores, os quais ele denominou como a Teoria dos Três Anéis: habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade.



FONTE: RENZULLI, J.S. (1986)

É a partir da identificação que o estudante terá a oportunidade de receber o atendimento adequado, ter acesso ao enriquecimento curricular e assim usufruir com qualidade do seu potencial.

A avaliação desses estudantes, sempre que possível, deve ser realizada por uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar, incluindo professores, especialistas, supervisores e psicólogos (BRASIL, 1995). O profissional da Educação Especial pode conduzir o processo de identificação.



O que observar nos estudantes durante as práticas de Ensino Colaborativo:

Características que podem estar presentes em uma pessoa com AH/SD incluem: vocabulário avançado para a idade, interesse por informações além das esperadas para sua faixa etária, habilidade de observação apurada, motivação acima do normal, interesse por questões políticas e sociais, insatisfação com explicações simples, preferência por trabalhar sozinho, defesa firme de suas convicções (podendo ser teimoso), alto nível de criticidade, curiosidade, persistência, e facilidade para elaborar novas ideias a partir de ideias dadas (REZULLI, 2004)

Pelo viés do Ensino Colaborativo, o contexto de aproximação se estabelece não apenas entre os profissionais, mas também entre os professores e seus alunos, possibilitando um olhar mais próximo e aguçado. Aliado à troca de conhecimentos e aprendizagens, esse contexto pode tornar visíveis aqueles que muitas vezes passam despercebidos (MENDES, VILARONGA e ZERBATO, 2014).

Referências e Sugestões:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Subsídios para organização e funcionamento de serviços de Educação Especial - Área de Altas Habilidades. Brasília: DF, 1995.

BRASIL. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CAPELLINI, V. L. M. F., & ZERBATO, A. P. (2019). O que é Ensino Colaborativo?. São Paulo: Edicon, 2019.

GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Trad. Maria Adriana Verissimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GATELY, S. E., GATELY, F.J., Understand coteaching components. The Council for Exceptional Children, v.33, n.4, p.40-47, 2001.

LÜCK, H. A gestão participativa na escola. São Paulo: Vozes, 2006. (Série Cadernos de Gestão, v. III).

MENDES, E. G.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos: UFSCar, 2014.

RENZULLI, J.S. O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação, e Como a Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Educação, vol. XXVII, núm. 52, janeiro-abril, 2004, pp. 75-131 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2004.

PÉREZ, Susana G. P. B. Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. Revista Educação Especial, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/articulo/view/5004>

REFERÊNCIAS

CAPELLINI, V. L. M. **Avaliação das possibilidades de ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental.** Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2004.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Rev. Bras.Educ**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, Dec. 2006a, p. 387-559.88.

VIEIRA, N. **Viagem a “Mojave-Óki”!** Uma trajetória na identificação das AH/SD em crianças de quatro a seis anos. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da UFRGS. Porto Alegre, 2005.

ZANATTA, E. M. **Planejamento de práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa.** Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2004.